

TECENDO SABERES, FORMANDO UMA PROFISSÃO: 70 ANOS DA REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM ¹

DEVELOPING KNOWLEDGE AND A PROFESSION FIELD: REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM (BRAZILIAN JOURNAL OF NURSING) AND ITS 70TH ANNIVERSARY

TEJIENDO SABERES, FORMANDO UNA PROFESIÓN: 70 AÑOS DE LA REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM

Raimunda Medeiros Germano²

RESUMO: A Revista Brasileira de Enfermagem completa 70 anos. Criada em 1932, com o nome de Anais de Enfermagem, tinha como principal propósito, conforme seus precursores, servir de elo de comunicação entre os profissionais de enfermagem de todo o Brasil. Como órgão oficial da ABEn, além de preservar sua intenção inicial, tem por finalidade divulgar a produção científica das diferentes áreas do saber que sejam de interesse da profissão. Desse modo, enfrentou inúmeros percalços, para atingir o patamar no qual se encontra. Como principal veículo de divulgação científica da enfermagem, foi sendo construída por um conjunto de gerações, alcançando nos dias atuais, um grau de maturidade intelectual que lhe garante ser incluída entre os periódicos científicos de indexação internacional.

PALAVRAS-CHAVE: história da enfermagem, ABEn, editoração, REBEn

ABSTRACT: Revista Brasileira de Enfermagem-REBEn (Brazilian Journal of Nursing) is now 70 years old. It was created in 1932, and was initially called Anais de Enfermagem. Its main purpose was to be a communication link among Brazilian professionals of nursing. REBEn, which is directly linked to ABEn (Brazilian Association of Nursing), also has as its objective the publicizing of scientific production in different fields of knowledge which can be of interest for the nursing profession. The journal went through many difficulties before achieving the current status of most important publishing in the field of nursing in Brazil. The periodical was developed along many generations and has now achieved intellectual maturity which guaranteed its inclusion in the international indexation of scientific periodicals.

KEYWORDS: Revista Brasileira de Enfermagem, seventy years old, history

RESUMEN: La Revista Brasileira de Enfermagem cumple 70 años. Fundada en 1932, con el nombre Anais de Enfermagem, tenía como principal propósito, conforme sus precursores, servir de eslabón de comunicación entre los profesionales de enfermería en todo Brasil. Como organismo oficial de la ABEn, además de preservar su intención inicial, tiene como finalidad divulgar la producción científica de los diferentes campos del saber que ofrezcan interés para la profesión. De ese modo, se enfrentó con innumerables percalces hasta lograr el escalón en el que se encuentra. Como principal vehículo de divulgación científica de enfermería se ha ido construyendo por un conjunto de generaciones y ha ido alcanzando -en la actualidad- un grado de madurez intelectual que le garantiza estar incluida entre los periódicos científicos de indexación internacional.

PALABRAS CLAVE: Revista Brasileira de Enfermagem, setenta años, historia

Recebido em 31/08/2002
Aprovado em 27/09/2002

¹ Este artigo constitui, em grande medida, uma versão modificada e atualizada do capítulo II do livro de nossa autoria, intitulado "Educação e Ideologia da Enfermagem no Brasil", e do livro "A Ética e o Ensino de Ética na Enfermagem do Brasil, também de nossa autoria, ambos publicados pela Editora Cortez, SP.

² Professora do Departamento de Enfermagem da UFRN.

A Revista Brasileira de Enfermagem completa 70 anos. Nesta edição comemorativa temos o propósito de registrar as diferentes fases dessa trajetória, buscando articular sua produção intelectual com cada momento histórico específico, bem como identificar o pensamento disseminado por esse importante veículo de divulgação da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn).

Pensando desde sua origem, a Revista nasce em 1932 com a denominação de Anais de Enfermagem, sob os auspícios da Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (ANED)³, atual ABEn.

Foi decisiva, para sua criação, a participação de enfermeiras brasileiras, particularmente da presidente da Associação, Edith de Magalhães Fraenkel, no Congresso do Conselho Internacional de Enfermeiras, em Montreal – Canadá em 1929. Naquela ocasião, uma das organizadoras, Miss Lillian Clayton, incentivou o grupo brasileiro a criar uma Revista por considerar uma iniciativa indispensável ao desenvolvimento da profissão.

Retornando ao Brasil, aquelas que estiveram em Montreal envidaram esforços no sentido de ampliar a discussão sobre essa idéia, entre os demais associados, com vistas a sua concretização.

É bem verdade que muitos foram os obstáculos enfrentados, dentre os quais, poucos recursos financeiros, número reduzido de profissionais da categoria dedicado a esse tipo de atividade, além de outras dificuldades. Apesar disso, o grupo trabalhou de forma decisiva na consecução desse objetivo, culminando com o lançamento do primeiro número desse tão sonhado periódico; o mesmo foi impresso nas oficinas gráficas do Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro, em maio de 1932.

Para efetivação desse empreendimento, alguns membros da referida Associação se organizam em uma diretoria, ficando assim constituída:

Redatora chefe: Rachel Haddock Lobo
Secretária: Célia Peixoto Alves
Redatora revisora: Zaira Cintra Vidal
Tesoureira: Edméa Cabral Velho

Vale ressaltar que, além de outros colaboradores, a diretoria contou com o apoio irrestrito da enfermeira Edith de Magalhães Fraenkel, presidente da referida Associação. Em 11 de abril de 1934, a própria associação solicitou o registro de Anais de Enfermagem, como seu órgão oficial – e assim se efetiva, de acordo com o talão nº 4, página 33 – Biblioteca Nacional, Direitos Autorais – à fl. 231, frente e verso, do livro 4, sob o número 5.514 (CARVALHO citado por GERMANO, 1983). Diante dessa dependência da Associação de Enfermeiras, a sede de sua editoração sempre se manteve atrelada à diretoria da mesma.

Em sua primeira fase, como Anais de Enfermagem, a Revista tem seu momento mais crítico e de maior dificuldade entre 1941-45, quando sua publicação foi interrompida pelo

alto custo do papel, em decorrência da II Guerra Mundial.

Ao voltar a ser reeditada em 1946, o editorial do primeiro número conclama a todos a contribuir com a Revista, tendo em vista seu importante significado, como instrumento de divulgação de novos conhecimentos profissionais e como elemento unificador entre os enfermeiros dispersos em todo o território nacional. Mas, além desses aspectos, a Revista tinha também como propósito, conforme afirma um de seus editoriais, “servir de depositária das concepções que vão plasmando, moldando e dando existência à enfermagem nacional”.

Com relação à continuidade de sua publicação, a partir de 1946, vem ocorrendo sem interrupção, embora irregular, quanto ao número de revistas editado a cada ano. Dessa fase até os dias atuais, prevalece a publicação trimestral, quatro números ao ano; porém, em alguns períodos, como, por exemplo, entre 1961 a 1963, quando recebeu ajuda financeira da Fundação Rockefeller, sua publicação foi bimestral. No entanto, em momentos de maior dificuldade, chegou a publicar apenas um número a cada semestre e até mesmo um por ano. Nas últimas décadas, essa crise vem sendo minimizada pelo fato de começar a contar com o financiamento do Ministério da Saúde, como ocorreu nos anos 70, e, posteriormente, a partir de 1987, com o apoio financeiro do MCT (Ministério da Ciência e Tecnologia), CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos), mantendo, assim, a trimestralidade na sua publicação, na maioria dos anos.

Como vimos, a Revista Anais de Enfermagem, órgão de divulgação e desenvolvimento da profissão, como era assim concebida, enfrenta desde os primórdios situações bem críticas e de diferentes ordens; no entanto, graças ao empenho de seus dirigentes, manteve sua publicação.

Um marco de grande significação, na história da Revista e da própria Associação, foi o VII Congresso Nacional de Enfermagem, realizado na cidade de São Paulo no ano de 1954. Naquele evento, a presidente da ABED, Gleite de Alcântara, “fez um apelo às congressistas para que não deixassem Anais de Enfermagem desaparecer”. E propõe algumas inovações para torná-la mais atraente aos leitores, como a mudança da capa e de seu próprio título. Com esse propósito, no mesmo Congresso, em assembléia geral de 21 de agosto de 1954, “foi proposto e votado por unanimidade a mudança do nome da Revista Anais de Enfermagem para Revista Brasileira de Enfermagem” (Resende apud Germano, 1983). Da mesma forma, naquela ocasião, a Associação passa a denominar-se Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), em substituição a ABED.

Com a mudança do título da Revista há uma exigência de um novo registro, tendo essa solicitação sido encaminhada entre 1954 e 1955, embora date somente de 1958 a certeza desse registro na Alfândega, sob o número 375.

Essas providências administrativo-burocráticas, em

³ A ANED, a partir de 1928, com o propósito de se filiar ao Conselho Internacional de Enfermeiros (ICN), muda sua denominação para Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (ANEDB), embora esse registro ocorra somente em 1929. Em 1944, com a mudança de seu estatuto, passa a intitular-se Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas (ABED) e, em 1954, recebe, finalmente, a denominação atual, Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn).

relação à Revista, sempre tiveram a intervenção da ABEn, além da dependência no que se refere a sua produção científico-literária e mesmo quanto ao provimento de recursos financeiros para sua manutenção. Por essa razão, a diretoria da Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn), após considerar as ponderações de alguns de seus membros e com a aquiescência, naturalmente, da diretoria da ABEn, resolve passar a integrar o orçamento desta. Portanto, a Revista que era dependente administrativamente daquela entidade desde 1955, e, porque não afirmar, desde sempre, passa, a partir de 1965 até 1990, a depender também financeiramente. Isso significava garantir sua tiragem pelo fato de o preço do exemplar já ser incluído na anuidade da Associação.

Com essas alterações, cada presidente da ABEn, no caso, seria também membro integrante da diretoria da Revista, sendo posteriormente denominado diretor responsável, um cargo de expressivo destaque. Os demais membros seriam eleitos de conformidade com cada nova diretoria da Associação, sem necessariamente pertencerem à diretoria desta; apenas o presidente seria, por determinação dos estatutos, diretor responsável da Revista. Essa situação permanece até os dias atuais; o que muda é a organização da diretoria da ABEn, e, nessa perspectiva, o diretor de Publicações e Comunicação Social, de cada gestão, assume a função de editor da Revista, definindo seu próprio Conselho Editorial, bem como o Conselho de Consultores.

Após 1990, a assinatura da Revista foi desvinculada da anuidade da ABEn, mantendo, todavia, as relações de dependência. Devemos registrar que essa iniciativa deveu-se ao fato de ser praticamente impossível manter a tiragem do periódico para todos os associados, no caso, também assinantes, sem, contudo, contar com a garantia do pagamento da anuidade da ABEn.

Importa acrescentar que, apesar de todas as dificuldades já assinaladas, a REBEn continua representando, na atualidade, o veículo de comunicação dos profissionais de enfermagem com maior circulação em todo o território nacional. Dessa forma, torna-se mais viável sua utilização e isso se confirma, por exemplo, nas referências contidas nas publicações de enfermagem; além disso, trata-se de um periódico especialmente recomendado por parte das escolas de enfermagem, conforme comprovamos em estudo anteriormente realizado. Com isso, queremos realçar sua influência na formação dos enfermeiros e demais profissionais de enfermagem.

Esse breve histórico tem a pretensão de ressaltar o papel da Revista, desde sua origem, como um instrumento unificador entre os profissionais de enfermagem dispersos em todo o Brasil e, sobretudo, como um veículo de divulgação da ABEn, “tendo por finalidade divulgar a produção das diferentes áreas do saber de interesse da enfermagem, visando o desenvolvimento técnico, científico e cultural da profissão”.

Isso nos leva a reconhecer o importante papel que a Revista desempenha na profissão, quer incentivando e divulgando a produção científica da área, quer como instrumento pedagógico na formação de seus profissionais. Por essa razão, as concepções nela veiculadas devem ser devidamente consideradas.

Nesse sentido, podemos afirmar que, de conformidade com estudos por nós realizados (GERMANO, 1983, 1993), sobre a Revista, ao longo de quase toda essa trajetória, tais concepções guardam uma certa sintonia com cada momento político-social vigente no país. Não uma relação mecânica, necessariamente. Há avanços e recuos em relação ao debate político no âmbito da sociedade civil, nem sempre condizentes com a discussão que ocorria e ocorre no interior da enfermagem, notadamente no seu principal veículo de comunicação, como veremos posteriormente.

Com efeito, acerca da temática abordada pela Revista, com base em alguns aspectos já analisados nas pesquisas citadas, tentaremos, na medida do possível, articular essa produção com os momentos históricos determinados. Com esse propósito, faremos alguns recortes nessa periodização, privilegiando, sobretudo, a fase pós-1955, quando esse periódico passa a denominar-se Revista Brasileira de Enfermagem e são introduzidas algumas medidas com vistas a renová-la, tornando-a mais atraente aos leitores.

Retomando, pois, o mesmo periódico, na fase anterior a 1955, quando este se intitulava Anais de Enfermagem, os artigos de maior peso se referiam à formação do enfermeiro, abordando aspectos relativos ao ensino e à ética da profissão. E, nesse sentido, o tom dessa produção se expressava com forte sentimento de religiosidade, aliás um aspecto que extrapola essa fase propriamente e se faz presente com maior ou menor intensidade em todas as fases da Revista.

Associado ao sentimento de religiosidade, depreendemos também de suas páginas, nesse período, a existência de um forte apelo para a obediência às ordens oriundas do poder estabelecido, além de grande valorização da hierarquia. São constatações que guardam raízes históricas muito profundas e, por isso mesmo, marcaram e ainda marcam a profissão, bem como sua produção intelectual.

Assim, pensando a história da enfermagem, são muitos os estudos que se reportam à influência do cristianismo na organização da profissão, desde sua fase pré-profissional. A título de exemplificação, os diáconos e diaconisas na antiguidade que se dedicavam aos pobres e doentes; as Cruzadas na Idade Média, dando origem a novas organizações de enfermagem, sob a forma religiosa/militar, entre tantas outras organizações de cunho religioso, fundadas com o objetivo de atender aos pobres e doentes desamparados. Um outro exemplo, de grande significação, diz respeito às Confrarias da Misericórdia. Conforme Paixão (1969, p. 43) as mesmas, “tomando a sério seu programa de prática de obras de misericórdia, levavam os seus associados ao exercício de muitas atividades próprias de enfermagem, e a caridade com que se dedicavam certamente contribuía para manter a elevação desses misteres e a eficiência compatível com os raros conhecimentos da época em matéria de enfermagem”.

Além dessas organizações, que, possivelmente, contribuíram para conformar uma ética pautada em forte espírito de religiosidade, por outro lado, a história da enfermagem amarga uma fase tida como decadente que, da mesma forma, vai influir na intensa preocupação com a

questão da moralidade. Esse período guarda uma estreita relação com a transição do feudalismo para o capitalismo. A diminuição do espírito religioso que o caracteriza, acrescido do movimento de reforma, atinge principalmente os hospitais, na medida em que expulsavam as religiosas que ali se dedicavam ao cuidado dos doentes. A substituição dessas religiosas que exerciam a enfermagem, como uma missão caritativa, por mulheres sem qualquer preparo, muitas das quais meretrizes, alcoólicas, entre outras situações decadentes, marcou profundamente a história da profissão.

Todos esses aspectos, principalmente o apelo para relacionar o espírito de religiosidade à enfermagem, esteve muito presente na produção desse período, o que demonstra que os fatos históricos possuem raízes que se inserem no universo cultural das pessoas, atravessam gerações e, portanto, não devem ser banalizados.

Apenas a título de ilustração, vejamos o discurso do paraninfo da turma de enfermeiros de 1931, da Escola Anna Nery (Rio de Janeiro), médico Luiz Capriglione ao se dirigir a suas afilhadas. Inicia sua fala comparando o heroísmo da profissão com o de alguns santos, ressaltando a importância do trabalho sem recompensa financeira, chegando, inclusive, a justificar com frases tais como: "A certeza da recompensa mata o mérito", "do sacrifício surge a glória". E acrescenta em determinado trecho:

Como se complicou a vossa profissão, jovens enfermeiras! Como é delicada e extensa a vossa missão! Quantos dissabores e quão pequena recompensa exteriorizada haveis de ter. É o vosso maior mister semear o Bem e colher satisfações; não as externas, porque essas são raras, mas a íntima, de ter feito algo de útil em benefício não só do indivíduo doente, como da humanidade (CAPRIGLIONE, 1932, p.27).

Nos anos 40, do século XX, o teor dos artigos que tratavam da formação do enfermeiro continua o mesmo, embora entrem novos articulistas. Na década seguinte, a de 50, algumas publicações da Revista deixam transparecer um certo receio de que a competência técnica do enfermeiro se sobreponha ao seu sentimento de religiosidade. Assim, adverte a diretora da Escola Ana Néri, à época:

"Cabe aqui lembrar que, se foi um erro antigo considerar alguém capaz de exercer a enfermagem só pela bondade e capacidade de dedicação, é ainda mais grave o erro moderno de hipertrofiar o aspecto técnico e científico da profissão..." (PAIXÃO, 1956, p.228).

E, no mesmo sentido, afirma a Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo, em carta aberta às enfermeiras do Brasil, por ocasião do seu segundo decênio, em 1959: "É mister convencer-nos de que, para a enfermeira, a técnica é uma manifestação prática da caridade" (REBEn, 1959, p.69).

Como vemos, essa observação e outras similares da mesma época, embora guardem uma distância de mais de 20 anos daquele discurso, antes referido, datado de 1931, continua, na essência, o mesmo. Queremos crer que além das raízes históricas, interfere, sobremaneira, a condição de discriminação e subordinação da mulher na sociedade.

Em sua segunda fase, aqui considerada a partir de 1955, são introduzidas algumas inovações, inclusive um novo título, passando de Anais de Enfermagem para Revista Brasileira de Enfermagem.

Nessa perspectiva, faremos uma breve caracterização de sua produção, ao longo desse período, 1955-2001, efetuando, naturalmente, os devidos recortes históricos e, na medida do possível, apontando a tendência das publicações no transcorrer desses anos. Importa, da mesma forma, identificar as concepções que dão suporte aos temas relacionados, sobretudo, à formação do enfermeiro e à ética que conforma a profissão.

Nesse sentido, faremos uma apreciação da temática abordada pela Revista, a partir desse período (1955), ressaltando os assuntos de maior destaque, ou seja, aqueles que despertaram interesse de seus articulistas e, provavelmente, da enfermagem brasileira e de seus dirigentes, ao longo dessa trajetória.

Embora tais considerações se pautem em dados que foram quantificados, não temos a pretensão de reproduzi-los neste espaço mas, tão somente, tomá-los como referência quando se fizer necessário.

Percorrendo, pois, o elenco de temas da Revista, vamos verificar que alguns se destacaram sempre, como, por exemplo, a educação, a área da assistência e a pesquisa, embora em proporções e épocas diferentes, como demonstraremos neste artigo. Muitos outros assuntos fazem parte, naturalmente, da Revista, no entanto, alguns foram incluídos nos três temas selecionados, considerando a identidade entre eles, bem como o volume dos artigos publicados ao longo de todo esse período.

O tema da educação refere-se, em grande medida, ao ensino de graduação propriamente, mas dispensou e dispensa, igualmente, atenção à profissionalização de nível médio, matéria que sempre ocupou um expressivo espaço do debate e preocupações dos dirigentes da enfermagem. As reformas curriculares nos dois níveis – graduação e médio – da mesma forma, preencheram várias páginas da Revista, naturalmente em momentos pontuais da história dessa educação.

Assim, a temática do ensino em geral, a discussão acerca das diferentes propostas curriculares, os históricos das grandes escolas e a ética constituem a base do que aqui definimos na categoria educação. A ênfase, portanto, dispensada a esse tema é indiscutível e se faz presente, com maior ou menor intensidade, em todas as suas fases.

Reportando-nos, pois, às primeiras décadas desse novo período, os anos 50 e 60, do século que passou, o tema da educação extrapola o somatório de todas as áreas que constituem a assistência.

É possível que as políticas sociais implementadas pelos governos da época (período Juscelino Kubitschek e depois Jânio Quadros, João Goulart), particularizando aqui as questões de educação e saúde, tenham exercido alguma influência nessa produção. Apesar da política populista, que marca a época anterior à ditadura militar, instalada a partir de 1964, é também nessa conjuntura, qual seja, do populismo que, segundo Weffort (1978), mesmo sendo marcado pela manipulação das classes populares, também representa um espaço de expressão de suas insatisfações. Vale salientar

que nesse quadro estão incluídas as publicações de interesse profissional e da vida associativa, pródigas no período pré-ditadura.

Na década seguinte (70), há um declínio em relação ao quantitativo dos artigos envolvendo o tema da educação, se compararmos com o período anterior referido; no entanto, é superado apenas pela área da assistência, em plena ascensão nessa fase. Nos anos que se seguem, 80 e 90, essa temática volta a ocupar um expressivo espaço da Revista, embora não ultrapasse as publicações no campo da assistência,⁴ e, de modo particular, sobre a enfermagem clínica.

Entendemos que as mudanças ocorridas na política brasileira, a partir da metade dos anos 70, bem como no interior da enfermagem, tenham contribuído de modo significativo para a retomada de muitas discussões de cunho efetivamente educativo.

Com efeito, devemos destacar nesse contexto a abertura política, fruto de árdua conquista do povo brasileiro, em busca da redemocratização do país, abrindo várias frentes de debate, dentre as quais se incluem a saúde e a educação. Isso repercute, igualmente, na enfermagem, e um dos embates de maior expressão, desse período, diz respeito ao Movimento Participação⁵, cuja maior contribuição se concentra na discussão de um novo projeto político-pedagógico para a enfermagem, passando a constituir a principal bandeira da ABEn, ao final dos anos 80 e se prolonga pela década de 90. Mesmo com a consolidação da última proposta curricular, aprovada conforme Portaria n.º 1.721/15/12/94-MEC, são muitos os desdobramentos em tomo das novas diretrizes para o ensino de enfermagem.

Portanto, esse debate se amplia por todo o Brasil e também passa a se articular com o que vem sendo discutido, nesse mesmo período, acerca da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, no que tange, particularmente, à formação de nível médio, na enfermagem. São temas, portanto, que estão no ar e são incorporados às matérias da Revista, ampliando as publicações na área da educação. Além disso, devemos ainda registrar que, nessas duas últimas décadas (80 e 90), há um incremento da pós-graduação, favorecendo a produção no campo da educação e, em particular, da pesquisa, como veremos posteriormente. Sobre o tema da assistência, observamos que esta se mantém muito próxima à educação, no período 1955-1969, no que se refere ao número de artigos publicados na REBEn. Particularizando a fase 1955-1969, essa relação se torna ainda mais visível pela expressiva produção na área da saúde pública, como um espaço da assistência, mas, igualmente,

da educação.

No período seguinte, anos 70, ocorre uma significativa transformação no rumo dessas publicações; a ênfase vai recair, justamente, nos temas voltados para as especializações que integram a chamada área assistencial, destacando-se, sobretudo, a enfermagem clínica. O contexto histórico daquele momento, em pleno regime militar, sinaliza, em termos orçamentários, para a centralização e concentração do poder político e econômico em função do capital, repercutindo negativamente nas políticas de Bem-Estar Social. Na saúde, por exemplo, o Estado passa a implementar políticas que expressam, sobremaneira, os interesses do capital, privilegiando a assistência curativa e fortalecendo a indústria farmacêutica e de equipamentos.

Nas décadas que se seguem, 80 e 90, essa tendência torna-se mais marcante, em decorrência mesmo do refinamento e sofisticação dos meios diagnósticos e de tratamentos. Com efeito, a Revista publica, igualmente, nesses últimos anos, um elevado percentual de artigos na área clínica, apesar do consistente e insistente debate nacional em torno da Reforma Sanitária. Em 1985, o regime militar chegara ao fim, intensificando os debates em torno da democratização da sociedade brasileira.

Nessa perspectiva, vale lembrar a 8ª Conferência Nacional de Saúde em 1986 e seus desdobramentos, nos quais se incluem a discussão acerca do Sistema Único de Saúde (SUS) que, sem dúvida, fizeram eco no interior da enfermagem. Tanto é assim que há um certo investimento na produção de temas relativos à prevenção e promoção da saúde, embora não se sobreponham aqueles que se concentram nos aspectos clínicos, conforme podemos depreender da leitura das publicações desse período, notadamente dos anos 90.

Como última categoria em pauta, a pesquisa, já mencionada nas referências à educação e à área da assistência, merece, mesmo assim, um destaque especial pelo fato de representar um parâmetro de muita significação no crescimento e na história da profissão.

Assim, analisando a REBEn dos anos 50 e 60, a pesquisa⁶ encontra-se praticamente ausente ou aparece de forma muito tímida. Na década seguinte (70), já desponta com alguma significação e cresce, paulatinamente, no decorrer dos anos 80, atingindo ao final do período uma expressiva concentração de publicações nessa área, consolidando-se, cada vez mais, na última década (90). Essa trajetória decorre, em grande medida, da elaboração, a partir de 1974, do Plano Nacional de Pós-Graduação que viabilizou esse nível de ensino e, em decorrência, vem fortalecendo a

⁴ A assistência se refere às atividades e procedimentos de enfermagem desenvolvidos tanto na rede hospitalar quanto na rede básica de saúde.

⁵ O Movimento Participação (MP) é um movimento social e político que aparece na enfermagem brasileira na década de 80 a partir da ação coletiva de uma parcela de enfermeiros que articulam suas lutas internas com as de outros profissionais e com os movimentos sociais dirigidos para os objetivos do processo de transformação social. É também um projeto de reforma para a enfermagem brasileira e para a sua prática nos serviços de saúde, nas escolas e entidades da categoria que buscam o desenvolvimento técnico e político da profissão, enquanto trabalho e como um serviço. A proposta do MP é construída dentro de um processo de luta para enfrentar a própria crise profissional da enfermagem e da organização da categoria, na condição de trabalhadores no contexto da sociedade civil brasileira. É, portanto, a alternativa colocada no caminho das mudanças possíveis nessa conjuntura, sendo constituída estrategicamente de um processo de lutas para conquistar a hegemonia na direção da ABEn (OLIVEIRA, 1990).

⁶ A pesquisa refere-se aos textos decorrentes de investigações que têm suporte empírico.

pesquisa.

Vale ressaltar que, com o incremento da pós-graduação, lato e stricto sensu, abrem-se novas perspectivas de publicações na área da enfermagem e a REBEn, antes, o único veículo de divulgação da produção científica de seus profissionais, passa a constituir um entre muitos outros periódicos, com esse mesmo fim, dando conta, portanto, da força dessa produção nos rumos da profissão.

Devemos ainda acrescentar que, na atualidade, a pesquisa constitui, sem dúvida, o maior peso da Revista da ABEn, embora na classificação das publicações, muitos desses estudos recebam outras denominações.

Por outro lado, não é suficiente constatar esse crescimento; faz-se necessário identificar, igualmente, a tendência dessa produção, e sua possível sintonia, quando for o caso, com o contexto político-social vigente.

Particularizando os anos 80, constatamos o surgimento de uma abordagem crítica presente nos textos da Revista, sobretudo, ao tratar de temas relativos à educação e à ética.

Com efeito, alguns artigos dessa fase, contêm críticas enfáticas ao excesso de religiosidade e conservadorismo presentes nas formulações sobre a ética em enfermagem, expressas na própria REBEn, além de outros veículos de divulgação da profissão. E ao exercer a crítica, da mesma forma, um desses artigos recomenda, referindo-se, ao ensino da ética que este “seja ministrado dentro de uma visão sócio-histórica, procurando-se identificar os valores da profissão e sua relação com o contexto da sociedade em geral e, em específico, da sociedade brasileira” (VIEIRA; OLIVA, 1985, p. 194).

Este representa apenas um, entre inúmeros outros exemplos que poderiam ser reproduzidos neste espaço, focalizando as publicações desse período; no entanto, não constitui o propósito do presente texto. Nossa pretensão é, tão somente, registrar essas mudanças mais significativas na história da Revista e da profissão e as diferentes conjunturas nas quais elas ocorreram.

Nessa perspectiva, devemos lembrar que o contexto político-social dos anos 80 favorecia o aparecimento de forças oposicionistas, à medida que se intensificava a crise do regime implantado a partir de 1964. Cresce a mobilização da sociedade civil, o movimento sindical se fortalece, empreende-se uma ampla discussão sobre o tema da cidadania, enfim, abrem-se diferentes fóruns de debate, entre os vários segmentos sociais. Nessa conjuntura de mobilização social, uma parcela da enfermagem começa a questionar a sua prática, o seu ensino e passa a se articular com setores oposicionistas da sociedade civil. O clima favorece a organização desse grupo que se amplia, culminando com o que, posteriormente, seria denominado Movimento Participação.

Então, podemos afirmar ter sido essa década pródiga em estudos e pesquisas que criticam o caráter conservador da profissão, diferentemente do que se registrava em períodos anteriores. Naturalmente, a REBEn incorpora, como portavoza, as idéias dessa nova fase.

Isso não significa dizer que a produção da Revista, doravante, paute-se necessariamente por uma dimensão crítica, nem tampouco que textos de fases pregressas não a tenham também exercido. Embora em menor escala, é

verdade, insuficientes talvez para provocarem mudanças significativas no interior da profissão, mas, por exemplo, o texto de Maria de Lourdes Verderese, publicado em 1957, é extremamente audacioso para o contexto da época. Empreende uma severa crítica às escolas de enfermagem, talvez, a mais forte registrada na REBEn, em toda a sua história. A autora resalta, entre outros aspectos, a concepção autocrática da educação na enfermagem e os fatores dela decorrentes. Para ela, nessa concepção “a palavra de ordem é a obediência e o conformismo” (VERDERESE, 1957, p.371). Com preocupação semelhante, Glete Alcântara, na segunda metade dos anos 60, período marcado por intensa repressão política, referindo-se ao ensino de ética, sinaliza para a importância de desenvolver nos estudantes de enfermagem o espírito de análise e de crítica (ALCÂNTARA, 1966, p.396).

Toda essa produção de diferentes épocas e matizes vem sendo documentada graças a existência de uma Revista, no caso a REBEn. Isso denota sua importância na história da profissão, como afirmavam seus precursores. Por conseguinte, esse registro dá conta de uma trajetória que, apesar das influências externas de cada contexto histórico, refletindo, naturalmente, na direção de suas publicações, mesmo assim, não se constata uma relação mecânica, simplesmente, nem tampouco uma linearidade. Foram idas e vindas, avanços e recuos, como ocorrem nas diferentes e variadas esferas da vida.

Nos últimos anos, particularizando a década de 90, a produção da REBEn vem sendo redimensionada e, nesse sentido, é inegável o peso que os diversos programas de pós-graduação de enfermagem ou de áreas afins vêm exercendo no quantitativo de textos, e, sobretudo, no nível e formato dessas publicações.

Esses programas, quando articulados com o ensino de graduação, geram diferentes níveis de investigação, fomentando a criação de núcleos ou grupos de pesquisa que podem congrega e, comumente, congregam alunos, desde a iniciação científica até a pós-graduação lato e stricto sensu, docentes, além de possibilitarem a integração de outros profissionais interessados na produção de conhecimento. Esse novo cenário, fruto de um grande esforço das universidades, vem propiciando a elaboração de um significativo número de estudos e pesquisas, exigindo novas mudanças na editoração da REBEn, veículo de comunicação nacional de maior circulação na enfermagem, e, por isso mesmo, instrumento de apoio e suporte para essas publicações. É bem verdade que essa nova situação vem motivando a criação de outros periódicos que, embora de divulgação mais restrita, ampliam as possibilidades de produção e divulgação do conhecimento.

Isso posto, torna-se igualmente importante para a Revista, bem como para a profissão, identificar a direção dessa publicações, ou seja, em quais áreas vêm se concentrando os interesses de articulistas e pesquisadores da REBEn.

Nos últimos doze anos, período compreendido entre 1990 a 2001, os trabalhos publicados vêm fortalecendo a tendência já identificada na década anterior, qual seja, um grande investimento na área clínica, assumindo, pois, a liderança desses estudos. A seguir, destacam-se os temas relacionados à profissão e, na seqüência, aparece a saúde coletiva e a educação, incluindo nessa última categoria os

textos sobre ética e humanização. E, ainda, embora em escala bem mais reduzida, registramos, nesse mesmo período, algumas análises sobre políticas de saúde, relações de gênero com destaque para as questões da mulher, acrescidas de alguns trabalhos, embora poucos, com abordagem de cunho filosófico.

É importante assinalar que, nessa perspectiva, a fenomenologia, como suporte metodológico, constitui uma dimensão emergente nos estudos desse período. Mesmo as pesquisas de abordagem clínica expressam uma maior preocupação com os aspectos subjetivos da natureza humana, embora, necessariamente, não explicitem, por vezes, sua opção metodológica. Em decorrência, a maioria dos trabalhos publicados pela REBEn, na última década, tem se pautado, de fato, dentro de uma dimensão de cunho eminentemente qualitativo. Essa parece ser uma forte tendência da produção científica da enfermagem atual.

Quanto aos temas de maior destaque na produção veiculada pela REBEn, nessa última década, conforme há pouco explicitamos, eles expressam, em grande medida, a situação que vem marcando a discussão atual na área da saúde. Por um lado, um modelo biologicista que impulsiona a expansão de clínicas e hospitais, portadores de um aparato de alta tecnologia e sofisticação, e, ainda, contando com um suporte de verbas públicas, oriundas de exames, cirurgias e outros tratamentos. Em outra direção, os programas originários das políticas públicas, centrados no modelo clínico-epidemiológico de saúde, destinados às populações de baixa renda. Estes, comumente, enfrentam problemas de diferentes ordens, dentre os quais a dificuldade de articulação com os próprios serviços públicos de atenção secundária, quando esta se faz necessária. Em outras palavras, nem sempre há uma assistência garantida aos usuários referenciados para tais serviços. Isso significa dizer que a política do SUS, conforme foi concebida em seus princípios, não conseguiu se concretizar plenamente na prática. Há experiências exitosas em alguns municípios, mas estas são pontuais, decorrentes, na maioria das vezes, da vontade política de seus dirigentes, associada ao nível de organização e consciência política da equipe de saúde e da própria população.

Portanto, pensando essas duas dimensões, qual delas tem sido o alvo de maior atenção dos articulistas e pesquisadores da REBEn? A leitura das matérias nos autoriza a afirmar que vem ocorrendo uma maior concentração de estudos na área clínica, conforme podemos depreender de suas páginas.

No entanto, torna-se interessante observar que, apesar da preponderância do modelo biologicista na formação dos profissionais de saúde, e, naturalmente, de enfermagem, muitas dessas pesquisas se pautam por metodologias de dimensão qualitativa. Isso significa dizer que o objeto de estudo nem sempre se encontra centrado em aspectos eminentemente técnicos, buscando-se, igualmente, apreender elementos da subjetividade humana,

esquecidos, por vezes, nos trabalhos técnico-científicos.

Em tal contexto, a concentração de publicações na área clínica torna-se quase natural. É justamente nesse espaço que o curso de enfermagem, bem como outros da área da saúde investem uma maior carga horária. E são também as escolas, através de seus professores, notadamente dos programas de pós-graduação, as maiores responsáveis pela produção da Revista.

Os temas relativos à profissão também afloram com muita força nesses últimos tempos; registram, principalmente, as lutas e organizações da categoria no transcorrer de sua história, resgatam o histórico das ABEns da maioria dos estados, e, ainda, outras investigações sobre a profissão e, particularmente, acerca do trabalho do enfermeiro nas suas diversas instâncias de atuação.

Entendemos a ênfase nessa abordagem histórica como uma necessidade de um tempo, talvez uma resposta aos conflitos internos que ora envolvem a enfermagem brasileira.

A educação, além de representar uma preocupação permanente da ABEn e de sua Revista, nos últimos anos, recebeu um destaque especial, em decorrência da discussão acerca do projeto político-pedagógico para o curso de enfermagem. Nesse sentido, abriu um amplo debate nas grandes e pequenas escolas de todo o Brasil, envolvendo dirigentes, docentes, discentes e enfermeiros de serviços, com o propósito de democratizar a discussão, possibilitando a construção de um projeto educacional com efetiva participação coletiva.

Essa proposta que veio em substituição ao Parecer 163/72-CFE, uma legislação dos amargos tempos da ditadura militar, envolveu o empenho de várias diretorias da ABEn nacional, em um processo de muitos embates, que se inicia na segunda metade dos anos 80 e se consolida com a Portaria 1.721/94-MEC, conforme referência anterior.

Muitos foram os desdobramentos dessa discussão, dentre os quais ressaltamos a profissionalização de nível médio na enfermagem que, após anos e anos de luta, vem, afinal, recebendo uma atenção especial, por parte do governo brasileiro e se consolidando dentro de uma perspectiva um pouco mais democrática. Aqui nos referimos à proposta político-pedagógica do Projeto "Larga Escala"⁷, cujas bases conceptuais foram fundamentais à estruturação do Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem (PROFAE),⁸ instituído a partir de 2000. A força política deste lhe confere um maior alcance, possibilitando a expansão do processo de qualificação dos trabalhadores de enfermagem. Associado a esse conjunto de fatos no campo educacional, tivemos o longo debate em torno da última LDB – Lei n.º 9.394 de 12/12/96. Todos esses eventos educacionais, ocorridos nesses últimos anos, provavelmente, despertaram o interesse de estudantes e pesquisadores nessa área, dando margem a muitas publicações.

Da mesma forma, o destaque para a saúde coletiva, expresso em matérias da REBEn, deve resultar do debate

⁷ Proposta política para formação de pessoal de nível médio pelas Instituições de Saúde, discutida na segunda metade dos anos 70 e instituída no ano de 1981.

⁸ Projeto do Ministério da Saúde cujo macro objetivo é o desenvolvimento de Recursos Humanos na área de saúde, inicialmente, programado para o período 2000-2004.

que vem ocorrendo ao longo dos tempos, ganhando força na década de 80, particularmente com a 8ª Conferência Nacional de Saúde, em 1986, e seus desdobramentos, de modo especial, a implementação do Sistema Único de Saúde (SUS), conforme já nos referimos.

Algumas conquistas daí decorrentes, embora poucas em relação às necessidades da população, se efetivaram e vêm constituindo objeto de estudo e análise dos profissionais de enfermagem, principalmente, no tocante à implantação e desenvolvimento de alguns programas da área, com destaque para aqueles de maior abrangência, como, por exemplo, o Programa de Saúde da Família (PSF), o Programa de Interiorização dos Profissionais de Saúde (PITS). Devemos acrescentar que fazem parte do elenco dessas publicações, igualmente, os estudos com grupos da comunidade, como idosos, adolescentes, dentre outros.

Torna-se oportuno assinalar que as análises desta área restringem-se, na sua expressiva maioria, a situações bem pontuais; são muito poucos os estudos que investem nos temas de dimensão macro, nas políticas de saúde propriamente, pelo menos nos registros da REBEn. E, ainda, observamos uma escassez de pesquisas e estudos acerca dos aspectos sociais que envolvem a saúde.

Todas estas considerações dão conta de que um periódico de qualquer área, e aqui nos referimos ao campo profissional, traz a marca de um tempo e registra a conjuntura dos diversos contextos históricos, mas, igualmente, expressa o pensamento dos seus profissionais nos diferentes momentos do percurso histórico da profissão.

Nessa trajetória de setenta anos, portanto, é fato notório que a REBEn enfrentou inúmeras dificuldades, mas, apesar disso, introduziu e promoveu mudanças ao longo do seu caminhar, conforme vem sendo registrado em muitos outros estudos publicados pela própria Revista ou fora dela. Neste espaço, faremos referência tão-somente, àquelas conquistas e transformações ocorridas nos últimos anos, em particular, na última década, considerando que as fases anteriores têm constituído objeto de investigação de muitos estudiosos interessados no tema.

Nessa perspectiva, devemos dizer que uma das principais conquistas da REBEn, ainda nos anos 80, foi lutar por seu financiamento junto aos órgãos de fomento, através de seus Programas de Apoio a Publicações Científicas, como FINEP, MCT e CNPq.

Nos últimos anos, década de 90, além destes financiamentos, seus dirigentes buscaram outras fontes que garantiram a publicação de números especiais da Revista. Assim, no ano de 2000, o Ministério da Saúde financiou um número temático sobre "Saúde da Família" com uma tiragem de vinte mil exemplares para distribuição gratuita.

Ao final da década de oitenta, a assinatura do periódico, antes integrada à anuidade da ABEn, passa a ser dissociada, pelo fato da instabilidade registrada no cumprimento desse compromisso por parte dos sócios. Essa situação decorria do pagamento ser somente efetuado às

vésperas dos CBEn (Congressos Brasileiros de Enfermagem), impossibilitando, dessa forma, a manutenção de uma tiragem da Revista que garantisse o envio a todos os associados da ABEn, motivo pelo qual a direção optou pela assinatura independente.

No ano de 1998, a REBEn realizou, em Salvador – BA, por ocasião do 50º Congresso Brasileiro de Enfermagem, o 1º Encontro Nacional de Dirigentes e Editores de Publicações Científicas de Enfermagem, passando, a partir de então, a liderar e promover os encontros subseqüentes, ocorrendo, o quarto, em 2001, no Congresso de Curitiba – PR, o 53º CBEn. (MANCIA, 2001a).

Em novembro de 1999 integrou o Encontro Internacional de Periódicos de Enfermagem organizado pela UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo), realizado na cidade de São Paulo. (MANCIA, 2000b). A partir desse mesmo ano, passou a Revista a ter indexação internacional⁹ com vistas a contribuir com os pesquisadores que integram os programas de pós-graduação, pois, em parte, vem atender às exigências e critérios estabelecidos pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior). Nessa mesma direção, veio a decisão de aceitar para publicação artigos em espanhol e inglês. Isso não significa, necessariamente, maior circulação das matérias e discussão dos profissionais; ao contrário, limita, considerando as dificuldades de grande parte destes e dos leitores, no tocante ao domínio de idiomas estrangeiros. (MANCIA, 2000a). Apenas, a título de exemplificação, a revista "Ciência e Cultura", da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), antes publicada em inglês, volta, a partir deste ano (2002), a ser editada somente em português.

A propósito, esses critérios de excelência, em relação à pós-graduação, têm provocado mudanças internas na organização, encaminhamento e avaliação das matérias a serem publicadas pela Revista.

A idéia, por exemplo, de torná-la um porta-voz de profissionais de todas as regiões do país vem enfrentando sérias dificuldades pelo fato de os programas de pós-graduação de maior peso e tradição, concentrados em duas ou três escolas, manterem a liderança no envio de trabalhos, extrapolando, inclusive, seu potencial de publicação. Nesse sentido, novas medidas estão sendo tomadas a partir do ano de 2002, (MANCIA, 2001b). A REBEn passa de uma periodicidade trimestral para bimestral, garantindo a edição de seis números anuais e possibilitando a inclusão de maior volume de trabalhos para publicação. Pretende, igualmente, manter, com os consultores, a comunicação via correio eletrônico, Internet, tornando mais ágeis as avaliações e retorno dos textos, preservando, assim, a atualidade dos mesmos.

Quanto ao compromisso de publicar os trabalhos apresentados no Congresso Brasileiro de Enfermagem anualmente, não vem sendo possível. O aumento progressivo dos textos assumiu proporções que inviabilizaram esta prática.

⁹ Medline / International Nursing Index
Literatura Latinoamericana em Ciências da Saúde (LILACS)
Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature
Base de Dados em Enfermagem (BDENF)
Ulrich's International Periodicals Directory

Há algum tempo, apenas aqueles estudos premiados, por ocasião deste evento, têm garantia de publicação pela REBEn.

O atual corpo de editoração da Revista introduziu, a partir deste ano, 2002, outras inovações no seu formato, como mudança de capa, tamanho, data de impressão, com vistas a torná-la atual e mais atraente ao leitores.

Por fim, devemos dizer que, há exatamente vinte anos atrás, pesquisando sobre educação em enfermagem, tomamos a REBEn como principal fonte de investigação, e, mais tarde, no início dos anos 90, retomamos o estudo, particularizando, no campo da educação, o tema da ética. Nesses momentos de maior aproximação e reflexão sobre a Revista, percebemos o quanto ela representou e representa para a história da enfermagem em seu contínuo esforço de construção e reconstrução da profissão ao longo destes 70 anos. Enfrentou crises e desafios em momentos pontuais da história política do país, ora se adaptando e, por vezes, reforçando iniciativas governamentais de cunho eminentemente conservador, ora criticando tais propósitos. Esses registros, em qualquer circunstância, foram e continuam sendo por demais significativos, pelo fato de marcarem uma época e uma etapa na história da profissão. Adicionamos a estes aspectos a relevância deste periódico como veículo de divulgação e disseminação do saber na enfermagem e, ao mesmo tempo, como um valioso documento de pesquisa. As críticas que por ventura venham a ser exercidas, por parte de alguns pesquisadores da área, representam uma contribuição ao desenvolvimento da produção científica da enfermagem, ao crescimento da profissão e da própria Revista.

Na história de sua existência, são os professores e as grandes escolas de enfermagem do país, situadas no eixo Rio-São Paulo, que lideram a produção da REBEn. Essa situação não sofreu mudanças no decorrer do tempo mas, ao contrário, foi reforçada pelos programas de pós-graduação de maior porte que também se concentram na mesma região. Isso não significa dizer que os programas menores e de outros estados não tenham acesso à Revista, mas o volume de estudos e pesquisas enviados para publicação guardam proporções muito desiguais, se comparados àqueles oriundos dos grandes centros. O mesmo podemos afirmar em relação aos enfermeiros de serviços. Suas publicações representam um quantitativo pouco expressivo em relação ao volume de trabalhos da Revista; no entanto, observamos uma tendência de crescimento neste sentido, considerando a procura do enfermeiro da assistência pelo cursos de pós-graduação lato e stricto-sensu.

Devemos ainda destacar que a REBEn sempre esteve aberta aos estudantes de enfermagem, embora devamos reconhecer que esse espaço não tem sido devidamente aproveitado por eles.

Outras inovações têm sido introduzidas pelo corpo editorial da Revista na tentativa de melhor se adequar à linguagem acadêmica atual, dentre as quais ressaltamos os títulos para classificação das matérias publicadas. Essas contínuas adaptações visam a atender as prerrogativas das publicações científicas dos periódicos da área, na atualidade.

Concluindo, pois, este breve estudo sobre a REBEn, na tentativa de apreender um pouco do muito que foi registrado no transcorrer dos seus 70 anos de existência

(1932-2002), temos a convicção de que, naturalmente, existem lacunas e omissões. Assim, alguns aspectos ressaltados, em detrimento de outros, dão conta dos limites do olhar do leitor e, ao mesmo tempo, ator dessa história. Por isso, a idéia de um número temático, neste ano comemorativo da Revista, amplia os horizontes de interpretação dos feitos e não feitos da profissão, registrados nesta longa trajetória, através deste significativo periódico, que vem marcando e resgatando a história da enfermagem brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, G. O ensino de ética e história da enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p.393-402, ago. 1966.

CAPRIGLIONE, L. Discurso proferido pelo Dr. Luiz Capriglione, paranympho da turma de 1931, em 22 de dezembro de 1931. **Annaes de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, maio 1932.

GERMANO, R. M. **Educação e Ideologia da Enfermagem no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. **A Ética e o ensino da Ética na enfermagem do Brasil**. São Paulo: Cortez, 1993.

LOPES, M. G. D. Editorial. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 51, n. 3, p. 355-356, jul./set. 1998.

MANCIA, J. R. **Editorial**. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 53, n. 1, p. 5-6, jan./mar. 2000.

_____. Ainda sobre a avaliação dos periódicos da Enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 53, n. 2, p. 171-172, abr./jun. 2000b.

_____. Congresso Brasileiro de Enfermagem - espaço de expressão da Enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 54, n. 3, p. 397-398, jul./set. 2001a.

_____. Editorial. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 54, n. 4, p.537-538, out./dez. 2001b.

PAIXÃO, W. A ética profissional nas escolas de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 221-231, dez. 1956.

_____. **História da enfermagem**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bruno Buccini, 1969.

_____. Carta às enfermeiras do Brasil. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 69-70, mar. 1959.

VERDERESE, M. de L. Conceito de autoridade e democracia em ação. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 369-375, dez. 1957.

VIEIRA, T. T.; OLIVA, D. S. R. de. Novas abordagens no ensino de enfermagem fundamental: experiência docente no ensino de ética profissional. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 38, n. 2, p. 191-196, abr./jun. 1985.

WEFFORT, F. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.